



ECOS DA QUARENTENA: A EXPRESSÃO LITERÁRIA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO

Textos selecionados

Avaliadores

Prof. Dr. Anderson Monteiro Andrade

Prof. Me. Rafael Rubens de Medeiros

Pedagoga Ângela Maria Leite Aires

Apoio

Profa. Ana Maria Zulema Pinto Cabral da Nóbrega



Transcendental

É incrível não é mesmo? Existe tanta luz sobre esse manto escuro. Veja o reflexo prata sobre a grama. Veja e sinta como não queima quando te toca. Veja que nesta imensidão escura existem tantas luzes lindas._ E sentiu, o girassol sentiu toda a luz sobre si. E o sorriso amarelo em si parecia florescer, e florescer. Pensei que G. iria morrer naquela noite, mas o dia amanheceu e ele parecia estar mais bonito e forte. G estava mais forte. Capturei que G. brilhava e entregava sua alma as estrelas e a lua, como uma arte, como as palavras eram para mim, como a música era para um pintor, e como um filho era para uma mãe. Destoei. Lá estava ele se esforçando para alcançar o Sol, e a noite G. estava florescendo cada vez mais com a luz da Lua e das Estrelas. G estava crescendo. A chuva que ele derramou sobre si regou a si mesmo, todas as suas próprias tempestades o fortificaram. E um dia, G havia alcançado a luz do Sol. Estava enorme tão quanto os outros, estava lindo, fortemente amarelo, esplendoroso. Os outros Girassóis o elogiavam, os outros Girassóis até o invejavam, os outros girassóis o viam de forma igual. Ele se tornou tudo aquilo que achou que precisava se tornar. No entanto, depois de ver tanta beleza e tantas outras galáxias aquele lugar era pequeno para G. e repleto de sua dor. Apesar de que a cor cinza não lhe arde e sucumbe a pele, G. sentia a cor cinza tentando vir à tona, ainda alojada em sua alma de flor. Suas raízes tinham cicatrizes.

-G. sobe o córrego comigo. Essa clareira é muito pequena para nós.

-Para onde vamos, o campo de tulipas?

-Não, o campo de tulipas foi um antigo caminho, e ele sempre irá me levar até a clareira.

Na clareira pensei não ter saída. Mas quando te notei, as tulipas e todo o brilho do sol ficaram cinzas, por que eu não conseguia achar o caminho de volta. Hoje vejo que isso acontecia por que o campo de tulipas sempre me levaria à clareira. Como um caminho que sempre nos leva ao buraco. E o seu cinza sempre esteve em mim.



Apontei para o peito aqui. Não sei para onde vamos. E de verdade G, eu espero que não tenha volta.

-Iremos juntos, disse-me, e se lá só tiver eclipses, e nenhum raio de sol, eu sobreviverei, pois sou forte. Se lá só tiver pedras, não fincarei. Se lá só tiver Sol para mim, aceitarei, mas sempre saberei o que realmente me faz forte e o que realmente preciso para viver.

Senti as bochechas queimarem de emoção. Tomei o girassol nos braços e amarrei em seu talo um fio vermelho, prendendo a outra ponta no meu pulso.

_ Sempre encontrarei o caminho de volta até você- disse-lhe. Você é a vida para qual quero voltar sempre. Não me perderei de você de novo. No nosso caminho vamos encontrar novas formas de brilhar, novos astros para você, e para mim novas pessoas. Mas nada será capaz de cortar o fio que nos une. Te amo, disse chovendo.

As palavras são minha voz quando estou em meu silêncio. São minha raiva e revolta, que te fazem ter a crítica para a ponta da língua. São todas as minhas lágrimas que cultivam em vocês as mais doces flores, que por vezes cinzas, mas eu estou aqui para mudar o enredo, porque as folhas acabam, os lápis secam, minhas mãos se vão, mas as palavras continuam. E o que parecer ser o fim eu escrevo no papel e ele ouve, NÃO!

A chuva me encara dessa vez. Onde ela se encontra?

A poetisa nem sempre é a nuvem que se forma, mas faz festa no chão e abre a boca se deleitando do doce e azedo do azul do céu.

Apesar de a chuva não ser minha mais frequente alegoria, ela será, sem dúvidas, o motivo das alegorias.

Mas ela sobe ou cai no chão, ela desaba feito barragem quebrada. Quando ela quebra o coração dela chove e reboca. Chove, e chove salgado.

O sal cicatriza, afirma.



E daí ela escreve coisas sem sentidos e mescla o livro sem se importar em ser bipolar. Ela chove intensa ou fraca e rega as flores para um dia ser uma flor que não floresce no chão, onde é tão baixo, mas sim no céu.

Tenho um segredo para te contar. O narrador e o girassol são um só, uma única pessoa. Por isso, se você estiver cinza, chova. Chover faz bem. Também não sejam como os outros girassóis, observem, se aventurem nas galáxias. Busque seu reflexo. E nesse momento atual de isolamento, aproveite a sua clareira para cuidar de seu girassol. Busque as estrelas que te fazem bem. A cima de tudo ame e se ame, viva. Para Mcl, com amor.

Bruna Janine Nóbrega

(Discente do 3º ano integrado de informática- Campus Patos)

(Texto extraído da obra **Quero chover ainda hoje**, de autoria de Bruna Janine)

INCÓGNITA

-Você diria que o Sol é o seu sonho?

-Sim, meu sonho. Qual é o seu sonho?

-Escrever. Amo escrever. É como se você transparecesse sentimentos e pensamentos no papel. E mesmo que você o dobre, feche o papel, o esconda ou tranque, que os anos se passem, que você mude e não seja mais o mesmo, quando você ler de novo, sim, você sentirá de novo. E quando outras pessoas lerem... sim, sem dúvidas elas sentem algo, algo do que as palavras dizem que se deveria sentir. São como tatuagens que, mesmo feitas no corpo, na verdade, são para a alma. Mesmo escritas no papel, ou onde seja, são para a alma.

-Que lindo. É um belo sonho.

-E você? *Você precisa mesmo do Sol?*

-Sim! Me respondeu afadigada. -sou uma planta, sem a luz do Sol eu vou morrer, o Sol é vida. Paradigma, todo girassol segue o sol! Paradigmas, assim



como todo ser humano deve ganhar bastante dinheiro, ser bonito, para viver, girassóis seguem o sol, vivem e ficam amarelos e bonitos.

Sinto muito, eu disse. Traguei um pouco mais do ar. - Você realmente precisa do Sol ou acha que precisa por que todos os outros girassóis que conhece fazem e lhe dizem isso?

-Que petulância. o girassol riu.

Olha, G., posso te chamar assim? Concordou. O.K, muito bem, G. No meu mundo as pessoas se doam desde cedo ao fato de uma necessidade comum. Se deixam levar por argumentos e relatos suados, árduos, e com potes de ouro que ao invés do fim do arco-íris ficam no fim da tempestade. Não! Maremotos, tsunamis, princípios, vendavais...

_O.K, está me dizendo que não deveria fazer algo que me exigisse esforço e sacrifício?

-Não. Sabe. Todos parecem ter o mesmo sonho, entende? É como uma linha contínua. Nascer em uma família, crescer e trilhar o caminho do aprendizado, escola e páh! faculdade, e páh, emprego, e páh, família de novo e casa e ... Parei, estava entrando nas minhas frustrações. Me sentei ao seu lado e lhe olhei. Acontece -comecei de novo- que o mundo é gigante, e existem muitos caminhos. Alguns não são caminhos que possam te levar a algum lugar. Muitos não têm volta, entende? Mas nem todos precisam ser aqueles que atravessam oceanos de desafios, nem todos precisam ser mergulhos árduos. Ou, podem e devem ser difíceis e até extremos, a única coisa importante é que seja você quem escolheu esse caminho. Que o seu pote de ouro no fim do caminho tenha sido você mesmo quem escolheu, e que você tenha satisfação. Que o suor do caminho não tenha te desgastado, mas fortalecido, orgulhado, alegrado. Como seguir o Sol pode ser realmente o seu sonho, você



realmente quer ou acha que quer? Esse caminho tem te trazido apenas dor, definhamento...

O girassol olhou para si mesmo. Esperei reações, mas nada tristonho veio até mim. A noite caiu como um anjo negro se esparramando na cama após um longo dia. Me despedi. Deitei-me da mesma forma, porém sem graciosidade, e sem cama claro. Diante do escuro e do silêncio, ouvi um choro calado.

Bruna Janine Nóbrega

(Discente do 3º ano integrado de informática- Campus Patos)

(Texto da obra **Quero chover ainda hoje**, de autoria de Bruna Janine)

Eu fiz as Pazes com o silêncio

Eu fiz as pazes com o silêncio
Chorei e amei
Me desesperei e dancei
Plantei, plantei, plantei.
E também reguei, reguei, reguei
Enchi meu redor de plantas e de Beta
Beta, Betina, Betânia.
Uma alegria na solidão.

Me angustiei
E, na angústia, o silêncio
O vazio
Os cômodos nus
Se enchendo de Cores, formas, afetos
E com cada detalhe
Sorri, sorri, sorri.

Me politizei
Me desiludi
Encontrei a potência do feminismo
Encontrei a dor de mim mesma
Me acolhi
Me senti
E também enlouqueci
Me redescobri.

Vi plantas nascerem
E as matei, matei, matei
Pouco sol, muito sol
Pouca água, muita água
Paciência, muita paciência
As vi renascerem
Silêncio.
É, eu fiz as pazes com o silêncio.

Professora Hanna Lacerda



Com a Pandemia eu aprendi...

Que a empatia é um lugar sempre aceito
E que isso é válido para qualquer sujeito
Quando se distancia de todo preconceito
E procura criar um ambiente de respeito.

Que é necessário preservar na paciência
Superar obstáculos e manter a resiliência
Sem modificar ou perder minha essência
Fazendo do caos meu lugar de resistência.

Que preciso valorizar cada oportunidade
Sabendo que daí deriva minha felicidade
Sem deixar para depois sentir a saudade
Do que era conclusivo e virou efemeridade.

Que o afastamento também pode ensinar
O valor que cada abraço pode representar
E que, às vezes, é preciso um se distanciar
Pra importância da presença se mensurar.

Que jamais devo perder a minha esperança
Pois, depois da tempestade vem a bonança
E, para esse dia, deposito a minha confiança
Tratando o incerto como bem-aventurança.

Luís Felipe de Medeiros

(Discente de P2- Engenharia Civil-Campus Patos)



Vulnerabilidade pandêmica

Nem no meu mais febril devaneio,
Me alucinei em sã aparência de normalidade.
Nem no meu mais desequilibrado bamboleio,
Me vi titubeante na linha da racionalidade.

Meu *id*, descompassado pelo receio
Da perda imperceptível da sanidade.
De repente, escuto um choro alheio.
Opa! Ainda faço parte da humanidade.

E neste instante, alguém há de precisar
De um auxílio terno, singelo e fraternal,
Diante da tristeza que o desconsola.

Neste período, em que a Terra está mal,
Em virtude da pandemia que nos assola,
Esqueçamos a dor e vamos a vida exaltar.

Professor José Carlos Gomes



POEMA NORMAL

“Normal”

Normal,

Queria ir brincar lá fora;

Não pode, tá de lockdown;

Quero ver minha vó;

Não pode, tá de lockdown;

Quero ir à escola, mãe!

Aleluia! não pode, tá de lockdown;

Que chatisse

Guilherme Fernandes da Costa

(Discente do curso técnico em informática- campus Sousa)